

CINEASTAS VÊEM BAIRRISMO NA SELEÇÃO DE CURTAS DO FESTIVAL DE BRASÍLIA. RESPONSÁVEL POR QUASE META-DE DOS INSCRITOS, SÃO PAULO SÓ TEVE UM CURTA ESCOLHIDO, ENQUANTO O DF EMPLACOU QUATRO PRODUÇÕES.

Divulgação



Selton Mello em Razão Para Crer, primeiro filme de Heber Moura e Erik de Castro, é um dos quatro curtas-metragens brasileiros selecionados para a mostra competitiva do Festival de Brasília

SELEÇÃO POLÊMICA

Natal Eustáquio
Da equipe do Correio

Os 12 filmes da mostra competitiva de curtas-metragens em 35mm do 29º Festival de Brasília foram escolhidos debaixo de uma saraivada de críticas, feitas principalmente por cineastas de São Paulo.

Tão logo foram anunciados os nomes dos curtas selecionados, e constatada a presença de quatro produções de Brasília e apenas um filme de São Paulo — *A Alma do Negócio*, de José Roberto Torero — os cineastas paulistas chiaram.

Dos 52 curtas inscritos, 21 foram produzidos em São Paulo. Brasília participou com sua maior produção na história do festival, seis filmes. Dos 12 selecionados, quatro são do DF; três, do Rio de Janeiro; dois, da Bahia; e São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina asseguraram uma vaga, cada um.

Os diretores paulistas acham que a comissão de seleção deixou-se levar pelo bairrismo, privilegiando filmes do DF. O diretor André Klotzel, do premiado *A Marvada Carne*, confessa ter estranhado a recusa de *Brevíssima História das Gentes de Santos*. “Não tenho comentários a fazer”, diz.

O curta, lembra Klotzel, ganhou os prêmios de melhor filme no Rio Cine, além de ter sido considerado o melhor filme de ficção na Jornada da Bahia. “Ainda ganhou o prêmio Multishow no Festival Inter-

nacional de Curtas-Metragens de São Paulo.”

Para o diretor, *Brevíssima História* tem seu valor como filme, “que não depende de julgamento de comissão”. Klotzel prefere não emitir juízo de valor a respeito da decisão da comissão de seleção. “Não conheço os outros filmes inscritos nem os escolhidos. Não sei quais foram os critérios.”

Klotzel também estranhou a reduzida presença da produção paulista na mostra, já que quase a metade dos 52 curtas inscritos eram filmes realizados em São Paulo. “Realmente me parece muito pouco”, limita-se a comentar.

COMISSÃO LOCAL

Com ele concorda Marina Person, diretora do também recusado *Almoço Executivo*, ganhador dos prêmios de melhor direção no Festival de Gramado e no Rio Cine. “A seleção não espelha a atual produção de curta-metragem no Brasil”, acredita. “A comissão abusou um pouco. São Paulo tem a maior produção de curtas e apenas um foi classificado? Alguma coisa está errada”. Ela afirma ainda que não repercutiu bem o fato de a comissão de seleção ser formada somente por jurados de Brasília.

“É evidente que favorece a cidade. E essa distribuição geográfica também não é legal”, argumenta Marina Person, que se surpreendeu com a ausência do curta *Pão de Açúcar*, do carioca João Manuel Carneiro, entre os finalistas. “É um ótimo filme”, resume.

Triste. Assim se define a diretora Anna Muylaert depois que viu seu curta fora do festival. Ela disse ter trabalhado durante dois anos na realização de *A Origem dos Bebês Segundo Kiki Cavalcanti*, filme que agora confessa não saber onde exibir.

“Eu me senti muito mal. Estava confiante porque o filme foi um dos cinco escolhidos pelo público no Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo”, diz Anna Muylaert, que também não entendeu a recusa de *Com que Roupa?*, de Ricardo Van Steen.

Se realmente houve bairrismo na seleção, alerta a diretora, o festival corre o risco de se esvaziar e perder a credibilidade de 30 anos de mos-

tra. “Esse momento é delicado. O cinema está renascendo e recuperando platéia. Isso pode desestimular o público”, alerta.

VISÃO BUROCRÁTICA

Outro que não poupa críticas à comissão de seleção é o diretor João Lanari, de *Denis Movie*, também recusado. “Fiquei extremamente aborrecido. Esta comissão não é representativa, mostrou-se burocrática, e agora o festival corre o risco de ter resultado medíocre”, acredita.

A comissão de seleção, argumenta Lanari, jamais poderia ser composta apenas de pessoas ligadas ao meio cinematográfico ou oficial. “Três dos

cinco membros são da Secretaria de Cultura e Pólo de Cinema. Os outros dois são diretores, e só um é mais independente, mas é do meio.”

Na opinião do diretor, a comissão de seleção deveria ser formada por “gente de fora. Por que não convidam escritores, poetas, artistas plásticos, jornalistas? Gente que não tenha visão burocrática”, diz ele, para quem a comissão não deve ter entendido a proposta de linguagem diferente de seu curta.

O diretor de *Denis Movie* concorda que o fato de a comissão de seleção ter apenas membros de Brasília realmente levanta suspeitas sobre as indicações. “Dá a impressão que estão protegendo. Mas é preciso lembrar que o DF teve muitos filmes inscritos este ano.”

Diretora de *Feliz Aniversário Urbana*, selecionado para a mostra, Betse de Paula vê com normalidade a chiadeira dos cineastas paulistas. “Eles estão forçando a barra. Festival sempre rola bairrismo mesmo”, diz ela, cujo filme é um dos concorrentes do DF.

Betse de Paula, no entanto, admite já ter inscrito outros curtas no festival, que acabaram recusados. “Realmente esta é a primeira vez que fui selecionada. Fiz o filme aqui, mas não posso afirmar nada neste sentido”, esquivava-se a diretora.

“Não vi os filmes. Mas a comissão deve ter feito uma seleção diferente. É assim que é festival”, ironiza Betse. “Filmes bons também ficam de fora de Gramado. É normal isso”, lembra ela, agora aprovada pela comissão de julgamento.

DEFESA

DIFICULDADE NA ESCOLHA

“Procuramos selecionar os melhores. Não levamos em conta a origem dos filmes. No caso do Klotzel, achamos a temática regionalista. Discutimos muito sobre ele, mas não tinha sentido incluir um filme institucional, encomendado pela Prefeitura de Santos”, diz Fernando Adolfo, membro da comissão organizadora do festival e integrante do júri de seleção de curtas-metragens.

Os critérios avaliados pela comissão de seleção, revela Fernando Adolfo, foram a qualidade técnica e a temática do filme:

“Não houve bairrismo. Dois filmes de Brasília ficaram de fora. Reclamam porque foi quebrada tradição. Nos últimos anos, 80% dos curtas selecionados eram de São Paulo”.

Fernando Adolfo afirma ser difícil tirar 12 filmes de uma lista de 52. “Obviamente pode ter ficado algum curta importante de fora. Assistimos aos filmes durante cinco dias. Mas todo ano é a mesma coisa, ficam polemizando. Agora, só porque a comissão era de Brasília, dizem que houve marmelada”, argumenta.